



Roda de Conversas

A EXPERIÊNCIA DO OUTRO NO CONTO “FESTA”, DE WANDER PIROLI

Cilene Margarete Pereira¹, Luciano Marcos Dias Cavalcanti²

¹ Universidade Federal de Alfenas/Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, cilene.pereira@unifal-mg.edu.br

² Universidade Federal de Alfenas/Instituto de Ciências Humanas e Letras, luciano.dias.cavalcanti@gmail.com

Resumo: O crítico literário Antonio Candido (1995) observa que a literatura é um direito fundamental humano, perspectiva assumida pela **Declaração Universal de Direitos Humanos**, que aponta a arte e a cultura como direitos básicos (ONU, 1948). Considerando isso, objetivamos refletir sobre o aspecto humanizador da literatura a partir da leitura do conto “Festa”, de Wander Pirolí (1985), amparados pelos **Parâmetros Curriculares Nacionais** (BRASIL, 2007) e pela **Base Nacional Comum Curricular** (BRASIL, 2018), no que diz respeito à promoção dos direitos humanos e da empatia.

Palavras-chave: Literatura, Direitos humanos, humanização, Wander Pirolí, BNCC, PCNs.

1. Introdução

No famoso ensaio, “O direito à literatura” (1995), Candido discorre sobre a literatura ser um direito incompressível do ser humano, considerando a definição de incompressibilidade dada por Louis Joseph Lebret, para o qual “bens incompressíveis” são aqueles entendidos como fundamentais para a expressão de uma vida digna, assegurando não só a sobrevivência física em níveis decentes, como o direito à moradia, ao vestuário, à saúde, à alimentação, mas também todos que garantem a integridade humana.

A perspectiva de Candido relativa à arte, especialmente à literatura, se associa à disposta na **Declaração Universal de Direitos Humanos** (ONU, 1948), em seu artigo 27, que aponta a arte, a cultura e a ciência como direitos fundamentais de todos. A Declaração oficializa como direito humano fundamental o de “fruir as artes”, entendendo a arte e o exercício da cultura como um direito incompressível de todos.



Roda de Conversas

Candido (1995) aponta a literatura como forma cultural primeira de expressão da capacidade fabuladora do homem, reconhecendo que ela exerce uma função social de extrema importância, que diz respeito ao seu caráter humanizador, uma vez que exprime o homem e atua em sua formação. Mas essa capacidade humanizadora da literatura só pode ser acionada por meio de três aspectos que são ativados simultaneamente no momento da leitura: (1) relação entre estrutura (linguagem) e significado (conteúdo); (2) expressão das emoções e visões de mundo, individuais ou coletivas; (3) forma de conhecimento, inclusive inconsciente. (Cf. CANDIDO, 1995, p. 246). Nesse caso, vale dizer que quanto mais complexo é um texto em termos de estrutura, mais seu conteúdo é capaz de ativar a reflexão do leitor a respeito do mundo que vive.

A literatura é, portanto, uma manifestação cultural de extrema riqueza, que se organiza de modo particular (na relação existente entre forma e conteúdo), a fim de expressar ideias e visões de mundo (particulares e coletivas) e uma forma de conhecimento do leitor sobre o mundo real, elaborando nossa capacidade de reflexão e atuação neste. Considerando isso, este texto tem o objetivo de refletir sobre o aspecto humanizador da literatura, em associação com temáticas concernentes aos direitos humanos, por meio da leitura do conto “Festa”, de Wander Pirolí, de 1985.

Em relação à metodologia do trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, que se ampara, para a análise do texto acima, nos **Parâmetros Curriculares Nacionais** (BRASIL, 2007) e na **Base Nacional Comum Curricular** (BRASIL, 2018), no que diz respeito à promoção dos direitos humanos e da empatia.

2. “Festa”: o encontro com o outro

O conto “Festa”, de Wander Pirolí, foi saudado por Sebastião Nunes como o mais bonito conto da literatura brasileira (Cf. NUNES, 2011, p. 24). Do conto emana uma beleza desigual, justamente porque extraída de sua construção aparentemente



Roda de Conversas simples, própria da escrita de Piroli, que vê (e nos mostra) beleza onde menos esperamos. As personagens de seus contos são

Gente humilde, homens em luta contra as aparentes possibilidades, contra a dificuldade de viver. [...] São operários braçais, biscateiros, fregueses crônicos de bar, crianças pobres, namorados infelizes, e muitos outros, que em sua variedade constituem um retrato sofrido da natureza humana, vista pelo autor com uma ternura que nem o seu estilo direto nem sua maneira objetiva e quase jornalística de escrever um episódio conseguem ocultar.¹

Vejamos o conto, publicado originalmente em 1985:

Atrás do balcão, o rapaz de cabeça pelada e avental olha o crioulo de roupa limpa e remendada, acompanhado de dois meninos de tênis branco, um mais velho e outro mais novo, mas ambos com menos de dez anos.

Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente, e se dirigem para o cômodo dos fundos, onde há seis mesas desertas.

O rapaz de cabeça pelada vai ver o que eles querem. O homem pergunta em quanto fica uma cerveja, dois guaranás e dois pãezinhos.

– Duzentos e vinte.

O preto concentra-se, aritmético, e confirma o pedido.

– Que tal o pão com molho? – sugere o rapaz.

– Como?

– Passar o pão no molho da almôndega. Fica muito mais gostoso.

O homem olha para os meninos.

– O preço é o mesmo – informa o rapaz.

– Está certo.

Os três sentam-se numa das mesas, de forma canhestra, como se o estivessem fazendo pela primeira vez na vida.

O rapaz de cabeça pelada traz as bebidas e os copos e em seguida, num pratinho, os dois pães com meia almôndega cada um. O homem e (mais do que ele) os meninos olham para dentro dos pães, enquanto o rapaz cúmplice se retira.

Os meninos aguardam que a mão adulta leve solene o copo de cerveja até a boca, depois cada um prova o seu guaraná e morde o primeiro bocado do pão.

O homem toma a cerveja em pequenos goles, observando criteriosamente o menino mais velho e o menino mais novo absorvidos com o sanduíche e a bebida.

Eles não têm pressa. O grande homem e seus dois meninos. E permanecem para sempre, humanos e indestrutíveis, sentados naquela mesa. (PIROLI, 2009, p. 77-78)

¹ Retirado da introdução de **A mãe e o filho da mãe**, de Wander Piroli, 1985, sem autoria identificada.



Roda de Conversas

A cena inicial do conto faz a apresentação das personagens: garçom, pai, dois filhos menores, todos sem nomeação, pautados apenas por seus papéis sociais. O único elemento a destacar a condição das personagens que chegam é a roupa “remendada” do pai dos garotos. Os três (pai e filhos) se movimentam para “o cômodo dos fundos” na tentativa de encobrirem-se, “de forma canhestra”, “como se o estivessem fazendo pela primeira vez na vida” (o narrador se refere à ida da família a um bar). A reação das personagens caminha em oposição à do contista, que os revelam ao leitor. O pai e seus dois filhos pequenos passam a dominar a história, via a proximidade do narrador, que projeta suas existências.

O garçom se solidariza à perspectiva narrativa que visibiliza o pai e seus dois filhos pequenos, tornando-se cúmplice da família na oferta que faz, pelo mesmo preço, do molho e de metade de uma almôndega em cada pão. Sua retirada silenciosa indica a solidariedade com o outro, com a existência daquela família.

O silêncio que formata o conto aponta para o próprio silenciamento dos sujeitos subalternizados, desacostumados a falar e a existir do ponto de vista jurídico-social (SODRÉ, 2005). Se por um lado, a voz paterna se projeta na materialidade textual, evidenciando o lugar de menor prestígio ocupado pelas crianças na hierarquia social; por outro, sua voz é tímida, receosa, quase sempre indireta (via o narrador): “O homem pergunta em quanto fica uma cerveja, dois guaranás e dois pãezinhos”; “O preto concentra-se, aritmético, e confirma o pedido”. Suas únicas falas são monossilábicas. Na pergunta que o pai faz de forma direta ao garçom, “Como?”, está impresso o receio de não poder pagar pelo molho, de ter sido ofertado algo que não tem condições de possuir. No trecho, é a carência que fala, a mesma que solicita o preço de dois pães sem nada a recheá-los. Essa carência projeta um lugar de invisibilidade pública, que é expressa nos gestos tímidos da família, na manifestação “de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gentes das classes pobres” (GONÇALVES FILHO, 2004, p. 22).

Na primeira parte da narrativa (a chegada da família e o pedido feito ao garçom), temos evidenciada a falta de posses do pai e seu receio de existir



Roda de Conversas socialmente, o que o leva a se afugentar no fundo do bar com os filhos; na segunda parte, vemos sua própria existência ao reconhecer-se a partir do outro, solidário a ele. A cena se inicia quando o garçom retorna com o pedido (no qual consta dois pães recheados), projetando uma vitória do indivíduo segregado de um contexto socioeconômico de posse e bens; nesse contexto não é preciso perguntar preço de dois pães recheados, fazer cálculos para o pagamento e contar com a solidariedade do garçom – ao cabo tão marginal quanto o pai e seus filhos. A rede de solidariedade se forma entre os iguais, irmanados pelo gole fresco da cerveja, pela surpresa contida no pão. Esquecidos, retirados do sistema socioeconômico, o pai, os filhos e o garçom, invisibilizados por todos, são tornados visíveis e “indestrutíveis” pela narrativa de Piroli, pelo efeito humanizador da literatura: “Eles não têm pressa. O grande homem e seus dois meninos. E permanecem para sempre, humanos e indestrutíveis, sentados naquela mesa.” (PIROLI, 2009, p. 78)

No texto de Piroli se projeta algo próprio do campo literário, expresso na **Base Nacional Comum Curricular**, de 2018, quando observa que “O exercício literário inclui também a função de produzir certos níveis de reconhecimento, empatia e solidariedade e envolve reinventar, questionar e descobrir-se”, atestando que a literatura tem “uma função importante em termos de elaboração da subjetividade e das inter-relações pessoais”. (BRASIL, 2018, p. 504).

3. Conclusão

Em “Festa, de Wander Piroli, há o que podemos chamar de tratamento literário do tema social, que se dá justamente pelo trabalho com a linguagem (que quase inexistente nas personagens), pela composição e pela perspectiva narrativas, que projeta o pai e seus filhos para dentro do mundo do leitor, fazendo-os existir.

A leitura da narrativa revela o texto literário como um tipo de texto que se utiliza de recursos particulares e que sugere, por meio da linguagem, uma formação leitora ética, entendida esta, de acordo com os **Parâmetros Curriculares Nacionais**, como a capacidade de pensar “criticamente o mundo” e atribuir “sentido às mudanças”,



Roda de Conversas promovendo deslocamentos “de posições”: “sentir-se na pele do outro pode aprofundar e fundamentar valores como a ajuda mútua, a tolerância, o respeito, a confiança, a justiça” (BRASIL, 2007, p. 67). Assim, a literatura pode contribuir para “combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença” (BRASIL, 2018, p. 467), desenvolvendo no leitor “princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos” (BRASIL, 2018, p. 490).

O texto de Piroli promove o processo humanizador da literatura, construído por meio da experiência do outro, do reconhecimento “de alguém num outro”, de que “ali [na materialidade do texto] existe alguém, alguém fora de mim, alguém que é um outro diferente de mim, mas que, nem por isso, deixa de ser alguém” (COSTA, 2004, p. 150). O conto “Festa” expõe a competência que a literatura tem de propor ao seu leitor o reconhecimento do outro, igual e diferente dele.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais + - Linguagens, códigos e suas tecnologias (Ensino Médio)**. Brasília: MEC/SEF, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Ed. Globo, 2004.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. A invisibilidade pública. In: COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Ed. Globo, 2004.
- NUNES, Sebastião. O mais brasileiro de todos os contos. In: **Suplemento Literário Do Estado De Minas Gerais**. Edição Especial: O áspero lirismo de Wander Piroli. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, 2011.
- PIROLI, Wander. **A mãe e o filho da mãe & A máquina de fazer amor**. Belo Horizonte: Leitura, 2009.
- ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Genebra: ONU, 1948.
- SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.